

Ética e suicídio: a condição humana em Arthur Schopenhauer

Ethics and suicide: the human condition in
Arthur Schopenhauer

Diego de Oliveira Mariano¹
Éverton França de Souza Manari¹
João Alberto Mendonça Silva¹

¹ Graduandos em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco,
Campo Grande, MS. E-mails: dm_mariano@hotmail.com;
everton-manari@hotmail.com; giambattista1025@yahoo.com

RESUMO **ABSTRACT**

A existência humana, dentro da visão do filósofo Arthur Schopenhauer, está fadada a um enorme desespero, o que provoca a gana de todas as vontades de completar-se a si mesmo. Por ser o homem o animal perverso *par excellence*, a felicidade torna-se impossível dentro dessa existência e dessa condição de desespero e ilusão. Assim, condenado à tristeza, o homem vê na morte uma solução e aproxima-se dela em busca de felicidade em outra vida. Buscar um argumento ético e não embasar a reflexão em argumentos teológicos é um grande desafio. Assim, o intento deste artigo é desenvolver a reflexão sobre o suicídio e mostrar como ele pode ser defendido e debatido dentro de uma visão de ser humano desfantasiada que Schopenhauer apresenta.

*The human existence, through the thought of the philosopher Arthur Schopenhauer, is fated to an enormous despair, one which provokes the self-completing longing of all the wills. For being the perverse animal **par excellence**, happiness, to man, becomes something impossible within this existence and this condition of despair and illusion. Thus, condemned to sadness, man sees in death a solution and approach it in search of the happiness of the other life. To Search one ethical argument and not to motivate this reflection in theological arguments is a great challenge. Thus, the intent of this paper is to develop one reflection on the topic of suicide and show how it can be defended and debated within a non-fantasized vision that Schopenhauer presents.*

PALAVRAS-CHAVE **KEY WORDS**

ética	<i>ethics</i>
vontade	<i>will</i>
felicidade	<i>happiness</i>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo coloca em discussão o tema do suicídio como dilema ético existencial e volitivo nos limites da vida e da morte. Objetiva mostrar que, desde a perspectiva do filósofo Arthur Schopenhauer, o suicídio não só é possível como também é permitido e necessário para uma humanidade marcada pela perversidade, pelo desespero e pela tristeza, fazendo da morte a única saída digna para a felicidade que se encontra em outra vida.

Em diversos momentos, Schopenhauer coloca visivelmente suas ideias a respeito da vida humana como regida pela vontade. Esta seria uma espécie de “deus” que se encontra presente em todos os seres humanos e que resiste entrincheirada nas fibras que constituem a humanidade mesma. A vontade acaba levando ao sofrimento humano, já que o homem nunca estará satisfeito com uma única coisa. Aquela é a essência do ser humano e este, do ponto de vista cósmico, não é mais que um ser em meio a vários outros seres. Schopenhauer, valendo-se de uma razão analógica, sente-se autorizado a estender essa substância primordial chamada vontade a todos os demais seres, concebendo-a, assim, como essência não só do homem, mas do universo.

O ponto de partida desse pensamento de Schopenhauer encontra-se na filosofia kantiana, pois ele mesmo chega a afirmar que “minha linha de pensamento [...] fica inteiramente sob a influência dela, e reconheço que o melhor de meu desenvolvimento próprio deve-se [...] tanto à obra de Kant, como à dos escritos sagrados hindus e à de Platão” (SCHOPENHAUER, 1999, p. 119). A coisa-em-si não poderia ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. Desse modo, a ciência reduziria o mundo dos fenômenos e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento (a exemplo da categoria da causalidade). Diante de tais distinções, Schopenhauer ultimou que o mundo não seria nada mais do que representações que se mostram como síntese entre o subjetivo e o objetivo, entre a realidade exterior e a consciência humana.

Para Schopenhauer, na queda de uma pedra, no crescimento de uma planta ou no puro comportamento instintivo de um animal, afirmam-se tendências em cuja objetivação se constituem os corpos.

Assim, da mesma forma como nos homens, a vontade seria o princípio fundamental da natureza, a tendência na qual se constitui o humano.

1 O HOMEM EM SCHOPENHAUER

Desenvolver uma rica argumentação acerca da condição do homem no mundo de uma forma radicalmente oposta aos filósofos tidos como otimistas foi o intento de Schopenhauer. Na sua visão, o ser humano é um animal volitivo por excelência e está inevitavelmente fadado ao sofrimento, visto que:

[...] a felicidade é realmente e na sua essência apenas algo de negativo; nela não há nada de positivo, pois a satisfação tem de ser a satisfação de um desejo ou término de uma dor, e o desejo (privação) é a condição preliminar de todo prazer. Ora com a satisfação cessa o desejo, e, por consequência, também o prazer. (SCHOPENHAUER, 1980, p. 223).

O autor apresenta a condição humana de sofrimento não apenas corpórea, mas espiritual numa outra passagem, chegando a afirmar:

Só ao homem que não é, tal como o animal, limitado ao presente e deixado apenas à mercê do sofrimento corporal, mas a um sofrimento incomparavelmente maior, o espiritual, tomado de empréstimo ao futuro e ao passado, a Natureza concedeu, como compensação, a prerrogativa de poder pôr um termo à sua vida quando lhe aprouver, mesmo antes que ela lhe estabeleça um alvo e, portanto, a prerrogativa de viver não como um animal, enquanto possa, mas também só enquanto queira. (SCHOPENHAUER, 1980, p. 224).

Segundo ele, o animal tem sobre o homem o benefício de viver somente no presente, ou seja, não sente remorso por suas ações nem é espantado pela consciência de sofrimentos vindouros e da morte certa e, por isso, sofre certamente muito mais de forma física; já o homem sofre ao se recordar dos sofrimentos passados e em pensar naqueles que ainda sofrerá. Assim, ele é capaz de sofrer triplamente, pois se adiciona também o sofrimento espiritual, visto que tem consciência daquilo que passou e pode passar, e sofre corporalmente por aquilo que lhe ocorre no presente.

É sabido que tanto os animais quanto os homens são passíveis ao sofrimento, mas é nos últimos que a dor torna-se culminante. Isso porque a essência da vontade é a sua própria afirmação. “Os animais se

satisfazem muito mais do que nós com a simples existência; as plantas, totalmente; o homem, conforme o grau de seu embrutecimento” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 31) e, por isso, ele paga com sua dor o preço de sempre querer. Para afirmar a vontade, então, o homem vê-se obrigado a buscar o que nem sempre está ao seu alcance. Assim, cada necessidade negada é uma forma de sofrimento.

Percebe-se o homem, mediante isso, como ser ao qual foi concedido o poder de decidir o quanto quer viver e quando morrer, equivalendo a um presente funesto. Arthur Schopenhauer parece participar da opinião de Phillip Mainländer (2008, p. 157), “que também Deus não pode tudo; pois ele não pode, mesmo se ele quisesse decretar a sua morte, o que ele concedeu ao homem como seu melhor dom, por meio de tantos sofrimentos da vida”. Assim, o sujeito é a condição do fenômeno, do objeto, pois, como afirma Schopenhauer: “tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 9). Portanto o sujeito, tanto quanto o mundo em que ele vive, e também todas as coisas que nele se encontram são todas manifestações de uma mesma vontade.

O homem é, então, o *substratum* do mundo e, em semelhança a esse aspecto, ele está fora do alcance do princípio da razão, o qual explica o fundamento dos fenômenos, já que ele é a condição de existência do próprio princípio. É possível afirmar que o sujeito e o objeto são duas metades inseparáveis porque eles são reais e compreensíveis, um para o outro, e também porque eles se limitam reciprocamente: basta um sujeito e um objeto para que se tenha uma representação. Relembrando Kant, Schopenhauer (1980, p. 12) argumenta:

A peculiaridade concernente ao sujeito permite a ele a percepção de si como representação e, ao mesmo tempo, como manifestação da vontade, a qual permeia o mundo. Isso se dá porque o homem é aquele mesmo sujeito que conhece e tem, na representação do seu corpo, a consciência de si como representação e, além disso, como uma volição. Assim, o homem, ao mesmo tempo em que é limite formal do mundo, sujeito do conhecimento, também é representação, está enraizado no mundo como objeto entre os demais objetos que é capaz de perceber. A consciência que ele tem de si, de que seus atos são consequências necessárias da sua vontade, mostra a ele, também, que essa sua essência não lhe é

própria, mas é constituinte de tudo o que existe. Isso ele faz por suposição, atribuindo às demais representações uma mesma essência que as determina, a qual, entretanto, não pode ser concebida como fenômeno e tampouco se submete ao princípio da razão.

Nesse caso, quanto mais inteligência se deposita em um ser, maior será o seu sofrimento. Os homens só alcançam o conhecimento fenomênico, servo da vontade, não se tornando capazes de compreender a vontade como essência de todos os fenômenos. Ela se manifesta em diferentes graus nos indivíduos, mas é no homem que ela se objetiva de um modo capaz de perceber-se a si própria e de negar-se. Nesse sentido, é que o homem torna-se consciente da vontade que é essência de seu corpo e das demais representações às quais tem acesso.

O que ocorre é que, ao tentar atender as suas necessidades, nem sempre conseguirá aquilo que quer, e daí procede ao sofrimento, que é condição intrínseca à vida. O homem, além de ser, pelo seu próprio corpo, uma objetivação da vontade, traz esta consigo também em suas atuações, pois está em busca de sua conservação e da propagação da espécie. Como afirma Schopenhauer (1980, p. 34): “[...] sofrer é a própria essência da vida; que por consequência o sofrimento não se infiltra em nós vindo de fora, nós trazemos conosco a inesgotável fonte da qual ele sai”. A vida é sempre uma saída da morte, cada ação, na medida em que afirma a vontade, tende à caminhada a um lugar no qual o desânimo é regido.

Os homens aprendem que tudo o que existe é uma individuação da vontade, portanto têm um conhecimento limitado do mundo, haja vista que a razão vai se apresentar também como limitada. Percebem-se diferentes uns dos outros, e neles se manifesta o egoísmo, uma afirmação cega da vontade de viver. Para eles, o sofrimento será sempre um companheiro. Assim, quando o homem satisfaz uma necessidade, outra logo lhe surge, e, assim, num processo que pode ser infinito, toda carência se mostrará como dor; todo desejo não satisfeito causará sofrimento e toda alegria que provier de uma necessidade já suprida será provisória. Essa carência de esperteza diante da unidade que os transpassa, que é a vontade como essência de tudo, provoca nos homens um sentimento de sofrimento incidente que, para alguns, é uma espécie de pena a ser expiada, o que se revela como verdade apenas em relação à justiça temporal, a qual se realiza no espaço e exige um futuro quando a recompensa ou a punição sejam possíveis.

Também o homem necessita se elevar e se ver apenas como um entre os demais seres do mundo que são a amostra de uma e mesma essência. A felicidade pode até ocorrer, mas é efêmera, pois “por mais que a natureza e mesmo a felicidade o tivessem feito, qualquer que seja o homem, qualquer que seja a sua fortuna, o sofrimento é para todos a essência da vida, nenhum lhe escapa” (SCHOPENHAUER, 1980, p. 45). Vê-se que a existência por si mesma já conduz o homem ao sofrimento. Este é inevitável, pois é trazido pela vontade, que é o que está por trás de tudo o que existe, assim, no que houver vida, haverá também dor penetrante dentro do ser humano.

2 O SUICÍDIO COMO RESPOSTA À CONDIÇÃO HUMANA

Quando se estuda o suicídio sem os atributos religiosos, mas apenas racionais, pouco se acha contra tal possibilidade, e muito responde a tal intento o fator de tratar-se de uma livre escolha frente à trágica condição do ser humano. Antes de apresentar a visão propriamente de Schopenhauer sobre a justificativa do suicídio, serão apresentadas as ideias de alguns outros grandes pensadores sobre esse fim para o ser humano e, assim, acabaram por enumerar os fatores que viriam a tratar do suicídio de forma heroica e justa, mas além de tudo, ética.

O uso da liberdade de escolha, que é própria do ser humano, faz com que ele possa escolher também entre a vida e a própria morte, assim como afirma Sêneca: “[...] na verdade, bom não é viver, mas viver bem. Assim, o homem sensato viverá o quanto deve e não o quanto pode” (SÊNECA, 2008, p. 67-8). Na mesma linha, caminham Epicuro (2005) e Nietzsche (1997), que apresentam a liberdade humana como algo superior à própria vida, louvando às possibilidades de se esvair dessa mesma vida caso seja o desejo do indivíduo. Alguns outros autores trazem uma visão positiva quanto ao suicídio apresentando situações nas quais a vida não sustenta a dignidade e liberdade do ser humano, fazendo com que a morte de si seja a única forma de manutenção de tal condição, como afirmam Hume (2008) e Sartre (1997), por exemplo.

Uma das observações mais conclusivas que se pode tomar acerca desse tema é que todo o conceito que dele deriva provém da Antiguidade, isso tanto no âmbito positivo quanto no negativo, pois lá se podem encontrar figuras como Egésia, o *peisithánatos* (o que persuade a

morrer) ou o próprio Aristóteles quando afirma que “a lei não permite expressamente o suicídio, e o que a lei não permite expressamente, ela o proíbe” (ARISTÓTELES, 2006, p. 126). Outra observação é a de que foram poucos os que trataram do suicídio sem abordar o divino e/ou o metafísico, apenas numa visão racional e imanente. Assim, encontrar a resposta afirmativa para tal questão é de suma importância para a compreensão do que é presente até hoje na sociedade e para o que ainda não se conseguiu achar alguma conclusão plausível.

Um primeiro aspecto de reflexão sobre o tema em epígrafe, quem oferece é Sêneca (2008), pois mostra que ninguém pode se queixar da vida e dos sofrimentos porque, se as dores são grandes demais, o suicídio está sempre disponível. Schopenhauer levanta uma dúvida existencial ao realizar a seguinte constatação: “Por que há de se orgulhar o homem? Sua concepção é uma culpa; o nascimento, um castigo; a vida, uma labuta; a morte, uma necessidade” (SCHOPENHAUER, 1999, p. 244). Com tal visão, percebe-se que a primeira apresentação da condição humana é o sofrimento, que acompanha a todo o ser vivente durante seu ciclo vital. O ser humano foi, desde sua criação, posto como um ser frágil, de alma limitada e que tem todas as potencialidades para fazer e viver o sofrimento, tanto a si quanto aos outros. Diante disso, surge a primeira afirmação de Sêneca (2008), ou seja, quando os sofrimentos são grandes, o suicídio é uma saída sempre, pois mantém a dignidade e torna o indivíduo que o praticou um herói por estar prezando por aquilo que é próprio do homem: sua liberdade e a busca pela sua felicidade.

Para se desencadear o processo de formação de uma opinião sobre a possibilidade ou não do suicídio, Mainländer baseia-se na seguinte afirmação de Sócrates: “aqueles que, no sentido justo do termo, filosofam, se exercitam a morrer, e que a ideia de morte é para eles coisa muito menos temível do que para qualquer outra pessoa” (PLATÃO, 2004, p. 32). Isso leva a compreender que o fim ao qual toda a sabedoria corre é saber morrer, pois filosofar é aprender a morrer. Mainländer (2008) ainda mostra o processo de ressignificação dos valores a qual ocorre durante o processo de formação da ideia do suicídio, pois a primeira impressão é de ojeriza a tal realidade e, posteriormente, em um movimento de espiral, o indivíduo aproxima-se cada vez mais da morte e, quando se percebe, está “abraçado” a ela e sente nada mais do que o frio de seu toque e a paz da morte. Desse modo, há a ressignificação

da condição de liberdade e, consciente de seu ato, o indivíduo busca a saída que antes era a pior. Mas, frente à nova realidade, de sofrimento e de destruição de direitos inerentes ao ser humano, a morte torna-se leve e a vida pesada.

Um dos outros argumentos utilizados, e esse se baseia na própria religião, foi dado por Hume. O autor disserta sobre duas concepções que mostram a religião como passível de aceitar e concordar com o suicídio. O primeiro argumento (HUME, 2008) está na impossibilidade de uma ação humana esbarrar no limiar dos planos divinos e, assim, realizar algo do qual Deus não havia antes sabido e planejado para o homem. O segundo argumento foi dado não apenas por ele, mas outros pensadores como Rousseau (2008) e Montaigne (2008), por exemplo. Nele se apresenta a inexistência de um argumento sobre a negação do suicídio nas Escrituras, visto que elas apresentam exemplos de suicidas dados como consagrados a Deus e que estavam fazendo aquilo que deveriam ter feito, pois, como exemplifica Montaigne (2008, p. 100), “algumas vezes deseja-se a morte pela esperança de um bem maior”.

A grande negatividade frente a tal ação só foi apresentada quando houve o embasamento na filosofia grega antagônica ao suicídio, como o argumento comunitário de Aristóteles, anteriormente citado, ou na teoria de Plotino desenvolvida logo pelos primeiros teóricos cristãos, visto que aquele dizia que a alma, quando sofre o libertar-se brusco da vida, ainda não se encontra no estado perfeito para tal libertação e, assim, ocorre apenas uma mudança de lugar e não uma libertação de fato (PLOTINO, 2008).

Schopenhauer, quando trata de sua visão antropológica, desenvolve o argumento sobre a condição negativa do homem e, desse modo, como a vida é sofrida e difícil de viver. O ser humano vive a perseguição advinda de si mesmo contra si, contra os outros e dos outros contra ele. Exemplificando sua afirmação com uma frase de Gobineau citada por ele mesmo em sua obra, Schopenhauer (1999, p. 255) diz que o homem é “o animal perverso por excelência”, e, assim, como ele desenvolve, apresenta que “a pior feição da natureza humana permanece sendo o deleite pela desgraça alheia”. A vida, desse modo, toma uma dimensão que não leva ninguém à felicidade.

A ideia de ética e de agir ético remete à busca pela felicidade e pelo Bem, tidos como dádivas a que o ser humano anseia durante sua

existência. Na concepção de mundo apresentada por Schopenhauer, a vida em si não apresenta o Bem, a felicidade ou alguma outra coisa que possa levar à completude do ser humano enquanto ser. O percurso comum que a vida transcorre leva, sempre e impreterivelmente, o ser humano à morte. Assim, o único bem que se encontra nesse processo é a morte, pois ela dá uma resposta ao homem que lhe é sempre a paz e o desaparecer dos sofrimentos e, assim, de sua existência, visto que esta está intrinsecamente ligada àquela.

O ato de condenar tal ação só acontece por parte daqueles que ainda não possuem um ente próximo e amado que acabou por realizá-lo. Isso ocorre devido à seguinte realidade: antes do suicídio beirar os limiões do mundo da vida de cada indivíduo, ele é visto como um ato sem ética ou moral, proibido, altamente condenável, que dá característica homicida e/ou covarde por parte daqueles que o cometem. Assim, com aparatos religiosos e de senso comum, condenam-se os outros a um fardo difícil de ser carregado por quem quer que seja. Contudo a situação muda quando o suicídio adentra os limiões do mundo da vida do indivíduo, e esse passa por tal experiência de uma forma próxima à sua vida. Quando isso acontece, ele se vê mais propenso a não condená-lo mais, justamente por não crer que a pessoa amada seja condenada e, também, por ter acompanhado, direta ou indiretamente, o sofrimento e o processo que levaram o outro a tal ato. Assim, a lei imposta entra em processo de ressignificação e passa a ser mais maleável e menos condenável, pois o senso pessoal age de forma mais aplicável e com senso de perdão e conformidade, levando a mudança apresentada já por Mainländer (2008, p. 165) quando afirma: “Quão fácil cai a pedra da mão ante o túmulo de um suicida, quão difícil, ao contrário, foi a luta do pobre homem, que rezou tão bem”.

Dessa forma, o suicídio é justificado da seguinte maneira: o ser humano busca o melhor para si e para sua condição. Por outro lado, já é condenado e ele dado como o opróbrio da criação e o mais injusto e perverso de todos os seres existentes, tornando a felicidade impossível a si e aos outros por não conseguir alcançar prazer se não for diante da desgraça alheia. Isso torna a vida ruim e, ao mesmo tempo, a morte como uma saída possível e boa para o ser humano. Isso pode ser compreendido como uma inversão de padrões, visto que a morte percebida como algo bom é contrária à lógica comum da existência, que preza por manter

a vida e protelar o seu fim. Contudo, diante de tal realidade e da visão desromantizada da existência, observa-se a busca, mediante a liberdade da qual o ser humano é dotado, da felicidade, sendo esta a inclinação natural da humanidade. Como ela se torna impossível diante da concepção e verificação de um mundo ruim para se viver – não pelo mundo em si, mas pelos que nele habita –, a morte vem como saída libertadora, principalmente quando cometida pelas próprias mãos do indivíduo, já que qualquer outra situação seria vista como homicídio. Vale lembrar que, como mesmo afirma Engelhardt (1998, p. 429), a liberdade de um indivíduo “é assegurada mesmo diante de uma má escolha para si mesmo”, ou seja, “ser livre significa ter o direito de decidir tragicamente e de modo mal orientado”, não significando o mal ou a má escolha para os outros, mas na dimensão que leva a atingir apenas o ser individual.

O sustentáculo do argumento suicida é a condição da vida e suas dificuldades. Schopenhauer, no desenvolvimento de sua obra, mostra apenas um contra-argumento a essa decisão, e que trabalha, justamente com a ideia de liberdade. Ele argumenta que a liberdade praticada pelo suicida é apenas aparente, e não efetiva, visto que o dever está na capacidade de sobreviver do ser humano frente a este mundo lamentável que é apresentado e alcançar a total libertação dos males que rodeiam a sua condição. Foi apresentado o argumento e o pensamento favorável, resta agora ver o argumento racional que torna o suicídio antiético, e a vida como a melhor escolha frente às adversidades existentes no processo de desenvolvimento do ser humano.

3 A VIDA COMO RESPOSTA NEGATIVA AO SUICÍDIO

Quando se faz uma abordagem filosófica frente ao tema do suicídio e de sua complexidade quanto à existência ou não de uma “eticidade”, é necessário ter em mente a seguinte compreensão:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. (CAMUS, 2008, p. 17).

Percebe-se, a partir da afirmação retro que, ao se tratar da questão do suicídio dentro de uma expectativa filosófica, é também

importante deparar-se com os fundamentos primeiros dela, quanto à importância da vida e do ser humano, a sua liberdade de livre escolha, por exemplo.

Arthur Schopenhauer, como demonstrado ao longo deste texto, dá ricas contribuições quanto à temática do suicídio. Para continuar essa discussão, é preciso estabelecer algumas orientações e fazer uma breve anamnese quanto ao pensamento desse autor e a sua concepção da condição do homem no mundo. A vontade é como impulso cego que anima o mundo. Ela é precursora de todo o sofrimento do ser humano, pois se apresenta como desejo cego, irresistível. Ela se mostra no mundo bruto, na natureza vegetal e nas suas normas, e o que ela quer é a continuidade da vida, pois isto é a legítima manifestação dessa vontade.

Como a vontade é impulso, ou seja, ato de desejo e força que motiva, os desejos só podem interrompê-la por um breve momento, dando lugar à consternação e ao aborrecimento e, assim, o indivíduo volta a desejar a Vontade e, por conseguinte, a padecer. Assim afirma Schopenhauer (1980, p. 402): “a vida oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos”. Mas então como cessar a todo esse sofrimento e angústia que sucede dessa vontade incessante e de uma vida que tanto oscila? Para Schopenhauer, diante de tal realidade, o suicídio apresenta-se com uma alternativa um tanto tentadora, como já foi apresentado, e percebe-se um estilo mais correto e independente. Além disso, ele defende o direito daquele que sofre em se libertar da amargura por meio da morte de si mesmo, e parece estar de acordo com a possibilidade de o suicídio ser a real alternativa para quem já chegou ao limite da dor. A morte é a única certeza traçada que existe na vida e, assim, o suicídio se apresentaria como remédio a essa existência permeada de sofrimentos e angústias. Contudo ele não resolveria a questão da vontade que está no ser humano, ou seja, se apresentaria como uma tentativa frustrada de alívio, pois, se o indivíduo que opta pelo suicídio chega a vias de fato, faz isso porque não tem mais esperança na vida, e se tivesse algo que o fizesse olhar por outro viés a mesma vida, ele não tomaria tal decisão. Desse modo, a atitude de negação do querer viver seria a mais perfeita afirmação da vontade no ser humano, pois matar o corpo não resolve em absoluto o “problema” principal, que é a própria vontade. Quanto à afirmação supracitada, Schopenhauer afirma:

Precisamente porque o suicida não pode cessar de querer, cessa de viver. A Vontade se afirma aqui pela supressão do seu fenômeno, pois não pode afirmar-se de outro modo. [...] O sofrimento se aproxima e, enquanto tal abre-lhe a possibilidade de negação da Vontade, porém ele a rejeita ao destruir o fenômeno da Vontade, o corpo, de tal forma que a Vontade permanece inquebrantável. – Eis por que todas as éticas, tanto filosóficas quanto religiosas, condenam o suicídio, embora elas mesmas nada possam oferecer senão estranhos argumentos sofisticos. (SCHOPENHAUER, 1980, p. 505).

Para o filósofo, o homem tem o direito de dar cabo à própria vida quando esta não o realiza: eis a “eticidade” de escolher entre viver e morrer, o que significa uma realidade já favorável ao suicídio: a liberdade de poder escolher entre a vida e a morte. O indivíduo, diferentemente dos animais, sofre por conta de seu passado com remorsos e assim lhe causa grande incômodo sofrer também espiritualmente.

Os argumentos que contam para Schopenhauer e para todos aqueles que acreditam na eficácia do suicídio para a solução da falta de perspectiva de vida são os mesmos que vêm sendo defendidos desde o período clássico: a morte seria uma medida que libertaria a pessoa de uma existência breve e infeliz, a certeza da afirmação de que não é necessário viver quando apenas se têm desgraças e infelicidades nesta estada existencial e, por fim, a audácia de optar pela morte de si é a maior prova da suprema liberdade.

Antes de trazer à tona o contra-argumento sobre o suicídio, é preciso esclarecer que dentro de um contexto ético quando se discute a opção pela vida ou pela morte, é necessário que se faça uma análise que parta do universal, pois nunca esta decisão pelo outro ou por si mesmo afeta apenas a si próprio, mas a todo um contexto e a toda uma estrutura de história, seja ela familiar ou pessoal. Por isso, eticamente analisando, a opção pela morte de si já apresenta em seu âmago uma forte contradição, pois não é possível decidir morrer sabendo que se vai afetar outra pessoa, ou melhor, outra realidade de vida distinta da sua.

Outro fundamento ético importante dentro desta abordagem: é que a decisão a ser tomada quando se trata do suicídio é geralmente individual, mas fere outras pessoas, e, por fazerem parte da história de vida de outros indivíduos, apresenta-se também o direito de opinar quanto a essa decisão. Assim, por conseguinte, surgem diversos

argumentos eticamente contrários ao suicídio. A morte por si só se apresenta como covardia, pois é semelhante à deserção, ou seja, fuga do que se pode tranquilamente resolver. É um ato contrário à própria natureza que capacitou o homem de um instinto de preservação da vida. A Vontade, como parte desse instinto, apresenta-se como o que deva ser reestruturado para o bem do próprio indivíduo. A atitude do suicídio leva a crer que a pessoa o faz porque, de fato, queria viver. Pode parecer contraditório, mas na realidade é o cerne de toda questão. O querer viver precisa ser dotado de toda uma ostentação ético-moral pela qual a pessoa estaria feliz em viver mesmo diante dos sofrimentos e angústias que perpassam toda a sua trajetória existencial. A busca por um sentido na vida ou a falta dele não deve ser nunca um motivo plausível para que se chegue a essa medida limite, pois a busca sempre será contínua, e o suicídio, como diz Schopenhauer, não resolverá por inteiro a situação da vontade, e sim apenas a aliviará.

Nesse contexto, Viktor Frankl evidencia o valor do sofrimento na existência humana, é por meio dele que o indivíduo cresce e constrói experiências. Por isso ele afirma:

Não devemos jamais esquecer que podemos descobrir um sentido na vida mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, na qualidade de vítimas sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que pode ser mudado. (FRANKL, 2005, p.33).

Com isso, deixa clara a vontade da qual falava Schopenhauer: aquela que cria a dor e o sofrimento por não se conseguir contê-la, e deve-se gerar em cada ser humano uma nova expectativa de vida e não a desistência dela.

O suicídio, como afirma posteriormente o mesmo Schopenhauer, apresenta-se como uma pseudolibertação. É uma atitude extremamente egocêntrica e é fútil nela pensar. Pode-se dizer, então, que a grande resposta é resignificar a vida, mesmo diante dos sofrimentos. Esta, para Schopenhauer, é de fato um pesadelo incômodo e, assim, a felicidade é então uma fantasia. Mas, mesmo com tal realidade, a aplicabilidade dessa resignificação em meio a esta vida tão “cruel” é possível, e novamente argumenta Viktor Frankl (2005, p. 34): “foi somente mais tarde que eu compreendi o verdadeiro sentido do sofrimento. Ele só tem sentido quando quem sofre muda para a melhor”.

Mas como seria possível então viver bem diante de tantos percalços na vida? Schopenhauer (2005) ainda apresenta uma série de vicissitudes para poder contornar os sofrimentos e ressignificar a vida, dentre eles se destacam a cautela e a calma, de modo a se viver da melhor forma possível, e não a mais desejável: o prudente aspira não ao prazer, mas à ausência de dor.

Dar um novo sentido e significado à vida é mais difícil e doloroso para o ser humano do que a própria morte, mas é extremamente necessário para lhe dar continuidade. O indivíduo deve perceber que a constância é ilusória, e a segurança das opiniões, passageira. Constantemente se está em mudança, e os sentidos e significados devem seguir o mesmo fluxo. Vida que não se constrói cotidianamente está fadada à ilusão e, quando esta não mais se sustenta, ocorre a queda e surge a gênese da ideia de morte. Buscar o projeto de vida e formar-se para a constância na mudança, eis a grande herança que Schopenhauer deixa para se continuar vivendo e dar à vida uma ética de fato plausível para a continuidade da existência. Trabalhar tal temática é tocar no âmago da condição de ser humano frente ao mundo hostil à existência e perceber que o indivíduo necessita de sua existência para ser aquilo que é em substância.

CONCLUSÃO

Ser humano, dentro de um conceito pessimista como o apresentado por Schopenhauer, não se mostra como uma tarefa fácil, principalmente por ser a vida tão delicada, e o fardo da existência, tão fatigoso. Descobrir o equilíbrio entre a vida e suas dificuldades é ímpar, ainda mais devido à percepção de não ser aquela apenas sofrimentos, mas também cheia de lampejos de felicidade. O suicídio pode sim ser a expressão máxima da liberdade individual, mas fere gravemente o princípio de coletividade vital e preservação daquilo que é dado, como a vida nesse caso. Um grande passo é o de proporcionar um horizonte para o indivíduo, mas a escolha sempre será pessoal. Transitar entre a escolha individual e a responsabilidade coletiva de preservação vital: eis a grande questão que o suicídio deixa aberta para a reflexão filosófica e pessoal de cada ser individual. Se o ser humano não se perceber como ser que vai além do individual, o suicídio sempre será justificado. Porém, quando a esfera da coletividade adentra no ser da pessoa, então o suicí-

dio é mais ponderado e pesado, justamente por ele afetar não apenas o suicida, mas todos aqueles que estão próximos dele e que partilham da sua existência. Partilhar a si e a existência: o ser humano apenas como ser quando dentro da coletividade dada na vida.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ENGELHARDT, H.T. *Fundamentos da Bioética*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- EPICURO. *Pensamentos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- FRANKL, V.E. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. 11. ed. Aparecida do Norte, SP: Ideias e Letras, 2005.
- HUME, D. Do suicídio. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MAINLÄNDER, P. Reflexões sobre o suicídio. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MONTAIGNE, M. Ensaio. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. 11. ed. Lisboa: Guimarães, 1997.
- PLATÃO. *Fédon: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PLOTINO. Enéada. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ROUSSEAU, J.J. A nova Heloísa. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SARTRE, J.P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- SÊNECA. Epístolas a Lucíolo, VIII, epístola 70. In: PUENTE, F.R. [Coord.]. *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação, Crítica da filosofia kantiana e Parerga e paralipomena*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 e 1999.
- _____. *Aforismos para a sabedoria de vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.